

# “ANTROPOGEOGRAFIA”

ORLANDO VALVERDE

Existe uma verdadeira psicologia do leitor que pretende ler uma obra volumosa. Primeiro folheia o livro, dêle colhendo uma impressão perfunctória; depois olha o índice. Se a matéria é de aparência enfadonha, simplesmente abandona-o; mas se as circunstâncias o obrigam à leitura, fá-la com sacrifício, cheia de interrupções. Se a obra fôr, porém, interessante, devora-a, lamenta quando chega à última página, relembra certos trechos após a conclusão da leitura.

Esta última hipótese é a que se verifica quando o leitor entra em conhecimento com a *Antopogeografia* de RAIMUNDO LOPES. A simples leitura do índice deixa logo entrever uma obra atraente. Eis alguns de seus trechos, à guisa de amostra:

## II Parte — Capítulo I — A Moradia.

- I — As origens. A casa e a caverna; uma furna habitada, em Parati. Importância geográfica do material e da posição.
- II — A casa típica brasileira. Causas étnicas e históricas da forma; os limites — a casa hispano-americana e a luso-brasileira, no Rio Grande do Sul. A casa de madeira na zona da araucária e a variação regional da casa brasileira.
- III — A casa na Ibéria sêca e em Portugal.  
A casa e a Arquitetura; a influência espanhola e outras, na arte colonial brasileira, e as características nacionais.
- IV — A casa no Brasil tropical. Tipos regionais de casas brasileiras: a casa de taipa, de pedra, de tijolo, de palha. Suas formas. Casas isoladas.
- V — Os estabelecimentos humanos e as aguadas.  
Agrupamentos regionais.
- VI — Acessórios da moradia: o mobiliário. A casa como centro de estabelecimento rural e suas dependências.

Há certas partes de especial encanto, em que o autor revela absoluto conhecimento, como essa que vai abaixo reproduzida.

## Capítulo I — Economia primitiva e extrativa.

- I — A devastação — reverso da produção. O ciclo individual e o social. O selvagismo e a indústria extrativa não são o auge da devastação. O homem quaternário foi a princípio, grande caçador. A domesticação do gênero humano.
- II — A colheita natural — Uma impressão da vida florestal entre os Urubus. A colheita primitiva. As condições naturais nas florestas tropicais, temperadas e boreais. Os frutos naturais no Brasil.
- III — A casa — Aspectos primitivo e geral da caça; as armas e a economia extrativa. Especialização da caça durante o Holoceno; na vida rústica, na guerra, como esporte e privilégio aristocrático. A caça no Brasil, suas modalidades regionais, étnicas e econômicas; “histórias de onça”.

IV — A pesca — Origens e diferenciação. A pesca fluvial, o desenvolvimento da marítima, os climas; a alimentação e as causas étnicas.

A pesca na América do Sul. A extinção dos lagos — os Uros. Povos lacustres — A pesca no Brasil indígena; esteirias do Maranhão.

As migrações de pesca, na baixada maranhense; as calamidades do ambiente equatorial.

V — As palmeiras — O ambiente tropical. Importância econômica dos palmares. Pindorama. O buriti e o babaçu. Caráter aleatório das indústrias florestais.

VI — A mineração; a história econômica do Brasil. O ouro e o povoamento. A riqueza extrativa e a instabilidade social; a fase criadora e a indústria. O ouro e a selva na “Guiana Maranhense”.

#### Capítulo II — Agricultura e Pastoreagem.

I — A pastoreação. Sua ausência na América indígena; a criação da lhama. O nomadismo. O enriquecimento nos povos pastôres e o sedentarismo agrícola. Patriarcado e teoria do “rebanho humano”.

II — O boi criador de civilização, de usos e de costumes. Os cultos primitivos e o bumba-meu-boi. Domesticação e função econômica.

III — A economia pastoril extensiva e moderna. O gado como elemento econômico nos povos ocidentais da zona temperada; o caso estadunidense.

IV — A origem da agricultura. A horticultura. A cultura intensiva; a charrua. A cultura extensiva. Os cereais.

E assim por diante.

O contexto dêsse trecho do índice mostra bem como o autor não se limitou a reproduzir idéias de outros, baseados, por sua vez em países estrangeiros, mas trazia quase sempre exemplos brasileiros, oriundos, na maior parte, de sua vasta experiência como observador.

Nota-se que o autor revela um domínio perfeito no campo que a Geografia tem em comum com a Etnologia, como o do capítulo I da 1.<sup>a</sup> parte: “As origens humanas e o povoamento da Terra”. Nem podia ser de outra maneira, já que êle se consagrara antes como etnólogo.

Muitos vêem inconvenientes nesta circunstância, mas os fatos provam que a geografia brasileira tem sido muito enriquecida com a contribuição de cientistas de outras especialidades que, por uma razão qualquer, passaram a realizar pesquisas de caráter geográfico. Aí estão os exemplos de FRÓIS ABREU e ALBERTO LAMEGO, formados originariamente na pesquisa geológica, de SETZER, na pedologia, e de JUNQUEIRA SCHMIDT e A. SERRA, na meteorologia, todos êles tendo dado contribuições muito significativas para a geografia do Brasil.

Neste sentido, a morte de RAIMUNDO LOPES foi extremamente precoce. Não tanto porque êle tenha falecido às vésperas de completar 47 anos de idade. Tampouco, porque fora êsse livro o seu primeiro trabalho geográfico; *Entre a Amazônia e o Sertão, O Torrão Maranhense* são muito mais antigos, e sua atividade como professor de Geografia no Maranhão vinha de longa data. Mas, esta foi, sem dúvida a sua primeira síntese de geografia geral. O conteúdo da *Antropogeografia* é bem o de uma geografia geral, enriquecida com inúmeros exemplos brasileiros.

Em RAIMUNDO LOPES transcendia a brasilidade, porque êle nada mais era do que um autêntico caboclo que se tornou um erudito. Por isso, a sua linguagem tinha ainda a simplicidade e a expressão típica do nosso homem do interior.

Por isso, igualmente, poucos talvez tenham compreendido tão bem o índio e o caboclo brasileiro. Saliu-lhe êle “quão enganados andam os que exageram o pretendido *farniente* indígena e a sobrecarga da mulher nas marchas e em todos os trabalhos; é que, se a mulher trabalha muito e carrega mais que o homem, é porque êste tem de defendê-la de armas na mão; e se o índio é menos laborioso e resistente ao clima que o negro, está longe de ser um indolente exceto quando o meio o solicita ou quando a civilização, com os seus “benefícios” — alcoolismo e moléstias — lhe degenera as qualidades nativas, até mesmo a habilidade paciente das suas artes”.

Não se pode dizer que a *Antropogeografia* seja uma obra perfeita. Há mesmo certos conceitos que mereciam revisão, como o de *habitat* rural por exemplo, que ora parece estar mesclado ao de gênero de vida, ora ao de tipo de habitação, e um tanto imprecisamente definido à página 226.

Em compensação, RAIMUNDO tem afirmações que até hoje estão prenes de ensinamentos e de filosofia, como essa “para mostrar aos que pensam numa sociologia sem liames com a natureza, que tôda vida social depende da terra e da vida biológica; mas, também, àqueles que julgam as leis sociais meros corolários da biologia, que a ordem dos fenômenos da coletividade humana é bem diversa da organização individual de um ser vivo”.

Que magnífica lição esta para os deterministas e para aquêles pobres geopolíticos que, ainda hoje, aceitam o sofisma do *Lebensraum*, da assimilação do Estado à matéria viva, para justificar a agressão e a destruição do próximo para sua sobrevivência!

E dizer que isto foi escrito e lido pelo rádio na década de 1930, quando partes ponderáveis da humanidade se entregavam a êsse delírio demagógico pregando a guerra e o morticínio e muitos homens de boa vontade se acovardavam!... RAIMUNDO tinha, sem dúvida, a tranquilidade e a segurança do sábio.

Em todo o decorrer dos capítulos da *Antropogeografia*, até a última página, o leitor não se liberta do sentimento de angústia que dêle se apodera ao imaginar que extraordinária influência teria tido esta obra sôbre a juventude estudiosa, se ela tivesse vindo a lume na década dos 30. A bibliografia citada por RAIMUNDO está perfeitamente atualizada com o de melhor foi publicado até então. Teríamos, possivelmente, lançado as bases de uma verdadeira escola geográfica no Brasil.

Mas a sorte foi injusta. Não para RAIMUNDO LOPES, que, êsse alcançou a glória merecida; mas para tôda a numerosa plêiade dos atuais geógrafos brasileiros. Suas fecundas idéias, sempre em evolução, foram interrompidas pela morte. Resta-nos prestar-lhe as homenagens a que faz jus e prosseguir no seu caminho, aproveitando a notável contribuição que êle nos legou.

Há ainda uma particularidade neste livro:

Embora tenha sido concluído no leito de morte, e graças à dedicação é à colaboração infatigável de sua colega, D<sup>a</sup>. HELOÍSA ALBERTO TÔRRES, e de sua espôsa D<sup>a</sup>. GRAZIELA, a *Antropogeografia* é um livro otimista, cheio de vida, uma mensagem de esperança.

Publicações avulsas do Museu Nacional n.º 18 — 300 pp.

Rio de Janeiro, 1956.